A Semana de Lisboa
Supplemento do Jornal do Commercio
DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 48 | Domingo 26 de novembro | 1893

THEOPHILO BRAGA

Se vinte e tres annos de inalteravel amisade podem dar a um obscuro homem de lettras o direito de publicamente affirmar impressões pessoaes sobre um glorioso escriptor, esse direito invoco para fallar de Theophilo Braga aos leitores da *Semana de Lisboa*.

Relações de muito estreito parentesco entre minha mãe e a esposa do eminente litterato, fizeram-me conhecel-o de perto aqui no Porto, por volta dos meus 15 annos. Precocemente inclinado ás coisas do pensamento, atravessava eu então a dolorosa crise moral dos que sentem desabar á leitura de certos livros negadores todo um systema de crenças religiosas, não tendo para substituil-as uma larga concepção philosophica, um grupo de verdades géraes, o quer que seja em que o espirito repouse; concentrado por temperamento, não conhecendo pessoa a quem fazer confidencias, não sabendo mesmo, talvez, exprimir bem nitidamente a minha singular anciedade, occultava-a, lançando-me em contradictorios estudos e pedindo a obras de uma difficil comprehensão respostas que ellas não podiam dar ás torturantes interrogações de todo o meu ser. N'esta situação enervante que, prolongada, constitue um sério perigo para a saude mental, se accaso, realisada n'aquella idade, não representa já um desequilibrio de faculdades, Theophilo Braga prestou-me, sem o saber, o maior dos serviços. Foi, com effeito, elle quem, fallando-me pela primeira vez da Philosophia Positiva e despertando-me o desejo de a conhecer como a um novo e imprevisto mundo de idéas, definitivamente me affastou de livros que não podiam senão dilatar a esphera das minhas duvidas e avolumar os desalentos do meu coração. Decerto eu não podia comprehender então d'essa universal doutrina, que mais tarde havia eu proprio de vulgarisar ao lado d'elle e á sombra da sua auctoridade nas paginas do *Positivismo*, senão as linhas de contorno, e essas mesmas vagamente, porque me faltava a preparação scientifica e o poder de abstracção reclamados por estudos d'esta ordem; entretanto, o pouco que eu comprehendia e o muito que adivinhava atravez da exposição suggestiva de Theophilo Braga, bastaram para me desviar dos tortuosos caminhos por que tomára ao accaso.

E foi assim, foi recebendo d'elle a direcção inicial do meu espirito, que eu aprendi a amar este homem superior e a julgar a lenda que o vinha apontando desde os revoltosos tempos da *Escóla Coimbrã* como a encarnação da vaidade. Simples até ao extremo de attender uma creança e de lhe dar conselhos, despretencioso até ao ponto de coadjuvar os operarios da imprensa de Anselmo de Moraes na composição typographica da *Historia da Litteratura Portugueza*, que base poderia ter fornecido este homem á construcção d'essa lenda absurda?

E' conhecida a historia da lucta iniciada em 1865 por Anthero do Quental e Theophilo Braga contra a litteratura de que Antonio Feliciano de Castilho foi o derradeiro representante discutivel. Provocados pelo versejador da *Noite do Castello* n'uma carta-prefacio ao *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas, os dois escriptores replicaram altivamente, pondo em contraste as aspirações litterarias da geração que vinha surgindo

e os muribundos ideaes da que se afundava, não sem tentar pela ironia, pela insidia, por todas as fórmas do despeito, um prolongamento de dominio. Algumas phrases irreverentes e duras dirigidas a Castilho nas *Theocracias Litterarias* bastaram para attrahir sobre Theophilo Braga os odios de duas terças partes da população portugueza. Não se viu que as cruezas d'um pamphleto escripto no ardor da refrega não eram, no fundo, senão um desforço do moço escriptor contra quem, abusando da auctoridade que o paiz lhe conferira, o perseguia até prival-o dos meios de publicidade, seu unico recurso de substancia; viu-se só — e isso bastou para incendiar todas as cóleras e cimentar todas as diffamações — que um rapaz de 22 annos se atrevera a aggredir um velho. D'aqui a traiçoeira lenda.

E' facil ser-se justo quando se é feliz; mas quem, victimado por immerecidas perseguições, enegrecido pela calumnia, desarmado na lucta pela vida, póde garantir que não excederá os limites da legitima defeza? E esta era em 1865 a situação de Theophilo Braga, que conheceu a miseria e a fome, mercê das machinações e ardis de um litterato que todos imaginavam, sob a *sua olaia*, ingenuamente enlevado no canto da *cigarra de Anachreonte*.

Quando eu o conheci, Theophilo Braga luctava ainda contra os desastrosos effeitos da reputação que lhe haviam creado. Preterido em dois concursos ao professorado — o primeiro em 1868 na Academia Polytechnica do Porto e o segundo em 1871 na Universidade de Coimbra — por competidores cujas obras ninguem conhece e cujos nomes ninguem sabe, preparava-se para disputar a Pinheiro Chagas e Luciano Cordeiro um logar no Curso Superior de Lettras, desesperançado, todavia, quasi seguro de insuccesso e não indo a Lisboa, como elle me explicava, senão para aproveitar uma solemne opportunidade de exprimir em publico as suas idéas sobre a litteratura portugueza. Os factos desmentiram as previsões de Theophilo Braga; e, comtudo, não eram completamente infundados os seus receios, porque, como se sabe, elle deveu a cadeira, que ha 20 annos illustra, menos á boa vontade do jury que aos calorosos applausos de um auditorio em grande parte composto pela mocidade das escólas superiores de Lisboa.

Pela primeira vez se fazia justiça a este homem, cuja vida até aos 29 annos foi um rosario de amarguras. Porque, para além das temerosas luctas da sua mocidade fica ainda uma adolescencia em que, forçado por adversas condições de fortuna, elle teve de aprender e de exercitar o officio de typographo, e atraz d'ella ainda uma infancia a que prematuramente faltaram os sollicitos carinhos de mãe — a mais terna e ao mesmo tempo a mais estimulante corrente de sympathia que um homem póde receber.

De 1872 para cá a vida de Theophilo Braga, economicamente desafogada e moralmente serena, teria sido uma feliz compensação de innumeraveis angustias, se o não tivesse ferido em pléno coração a morte quasi simultanea de dois unicos filhos. E' preciso ter conhecido, como eu conheci, essas adoraveis creanças e ter visto, como eu vi na mais intima convivencia, o enlevado amor de que as cercavam Theophilo Braga e a sr.ª D. Maria do Carmo para comprehender e sentir bem essa irreparavel desgraça que toda uma geração de poetas commemora no piedoso livro *A Maior Dôr Humana*. Theophilo e Maria da Graça, arrebatados pela tuberculose, o primeiro aos 13 annos e a segunda aos 16, foram como um sorriso da sorte na existencia do meu querido amigo: unico e ephemero sorriso!

Conhecida nos seus lances capitaes a vida de Theophilo Braga, uma pergunta occorre: Como é que, a despeito das hostilidades do meio e das fatalidades da sorte, pôde este homem, que apenas conta 50 annos, produzir uma obra que, partindo da poesia com a publicação das *Folhas Verdes* em 1856, successivamente abrange o direito, a historia, as religiões, a politica, as tradicções populares e os systemas philosophicos? Por que estranho processo de autoestimulação pôde elle, perseguido e pobre, manter durante trinta e cinco annos n'uma inalteravel frescura o seu trabalho litterario dentro de uma sociedade sem correntes de idéas e sem interesses superiores de espirito?

A integral solução d'este problema de psychologia concreta não póde ser tentada sem o conhecimento, que eu infelizmente não possuo, da historia ancestral do eminente escriptor. As vocações, com effeito, não são productos casuaes das circumstancias, nem resultados de uma determinação voluntaria, mas invenciveis destinos que só a hereditariedade explica. Nascem *fadados*, diziam os antigos a respeito dos homens de genio, como dos loucos e dos delinquentes. Rejeitando a interpretação theologica, a psychologia actual acceita, comtudo, a concepção implicita n'aquelle termo, reconhecendo na hereditariedade a força que gera os candidatos á alienação mental e ao crime, como á gloria artistica ou scientifica. Ao lado, com effeito, do psycho-nevrotico, do criminoso occasional e do simples homem de habilidade, typos medios que as influencias physicas, economicas e educativas podem quasi completamente explicar, ha o degenerado, o criminoso-nato e o genio, seres de excepção que sómente pela hereditariedade podem interpretar-se.

E é por isso que eu n'este momento lastimo a minha absoluta ignorancia sobre os ascendentes de Theophilo Braga. Conhecidos elles, é possivel que eu conseguisse explicar a extraordinaria e complexa physionomia moral do escriptor cujo continuado trabalho

justificadamente assombra quantos teem conhecimento d'esta dormente sociedade portugueza.

Sem aspirações a exercer uma parcella, minima sequer, de poder, sem necessidades decorativas, achando-se bem dentro da mais modesta vivenda que lhe comporte os livros, como dentro do mais inesthetico vestido que o agasalhe, não cultivando relações que lhe diminuam o tempo, não frequentando clubs, nada sollicitando, porque nada deseja, Theophio Braga tem um unico prazer — adquirir idéas, uma unica preoccupação — espalhal-as. «Dentro de um pôço, dizia-me uma vez, desde que lá tivesse os meus livros, uma resma de papel e um lapis, eu conseguiria viver.» Esta affirmação define a um tempo a natureza contemplativa do homem, tal como ella resulta do exame da sua vida, e a especial feição da sua intellectualidade, tal como, a meu vêr, ella se denuncía na sua obra.

Expliquemos.

A vida de Theophilo Braga, subjectivamente movimentada e cheia de accidentes, como vimos, é, todavia, nos seus aspectos exteriores uniforme, quasi monotona; o seu drama, todo intimo, passa-se dentro de um cerebro, sem mutação de scenas, sem alteração de decor, como a consequencia de um destino litterario em conflicto com a resistente inercia do meio. A tenacidade de trabalho que tanto caracterisa Theophilo Braga, vem-lhe d'esse destino; lançado na vida do commercio, da industria ou da politica, esse homem seria um subalterno, um timido, um vencido. A sua força procede exclusivamente da paixão litteraria que o absorve e constitue a finalidade da sua existencia. O mundo das coisas e dos homens, o mundo objectivo, existe para elle apenas como o regulador necessario das funcções do espirito; é, porém, no mundo das idéas que elle vive e se concentra, é ao mundo subjectivo que elle tem adstrictos os seus interesses. Não é esta a caracteristica das naturezas contemplativas?

Mas no grupo dos que vivem de uma subjectividade preponderante, ha os que proseguem a Verdade, descobrindo leis, formulando hypotheses, construindo syntheses, e os que proseguem o Bello, procurando a fórma mais justa de nos transmittirem sentimentos e impressões; ha os homens da sciencia, actuando pelas faculdades especulativas, e os artistas, actuando pela emoção. Sem se excluirem, porque ambos caminham em busca de um ideal, os dois typos raras vezes se consubstanciam n'uma individualidade, porque não é facil possuir-se ao mesmo tempo e n'um intensivo grau creador as funcções de que derivam a obra da sciencia e a obra d'arte. Naturezas similares emquanto caracterisadas por um predominio do cerebro anterior, o homem da sciencia e o artista põem, todavia, em exercicio funcções differenciadas d'esse orgão; e n'isso se distinguem.

Ora, encontrando-se na obra de Theophilo Braga productos de todas as possiveis actividades mentaes, é licito perguntar por qual d'ellas se caracterisa melhor a sua individualidade litteraria. Preponderantemente poeta ou homem de sciencia? Eu atrevo-me a affirmar que, a despeito do immenso valor da *Visão do Tempo* e das *Tempestades Sonoras*, não é pela poesia que Theophllo Braga deve ser julgado, mas pelos seus trabalhos de investigação e de critica. A meu vêr, n'este eminente litterato as faculdades que produziram o imperecivel monumento da *Historia da Litteratura Portugueza* sobrepujam as que crearam os seus mais bellos poemas; n'elle o erudito e o philosopho teem mais vasto e significativo papel que o poeta.

E' claro que estou dando impressões pessoaes que me seria impossivel comprovar dentro do espaço de que disponho. Não é isto, todavia, o que, independentemente da analyse da sua obra, parecem indicar a sua vida, os seus habitos, tudo por que uma individualidade se exteriorisa? A sua existencia, em que não ha sequer o episodio de uma viagem fóra do paiz, é bem mais de um pensador que de um artista; os seus habitos, de uma regularidade quasi absoluta, lembram mais a chronometrica vida exterior de um Kant que a vida cheia de imprevisto da maioria dos poetas; emfim, a sua maneira de fallar e de escrever denuncía um homem de sciencia tendo feito da palavra um instrumento de persuasão, incapaz de gastar o seu tempo ou de torturar o seu cerebro na procura de uma fórma esthetica. O que a mim me encanta nas melhores poesias de Theophilo Braga não é, como em Anthero do Quental ou em Guerra Junqueiro, a emoção que as domina ou a fórma que revestem, mas a concepção que lhes preside; isto é dizer que, mesmo escrevendo verso, Theophilo é para mim, sobretudo, o pensador.

E é ainda o pensador que eu vejo atravez do propagandista republicano. Nos discursos — que elle pronuncia n'uma voz velada e egual, desacompanhada de gestos, nos livros — que elle escreve n'uma linguagem serena e sobria, Theophilo Braga dirige-se sempre á rasão de quem o escuta ou lê, espontanea ou systematicamente evitando a facil empreza de agitar emoções politicas.

No partido que tem a honra de o contar entre os seus prestigiosos chefes, a sua funcção não é a de provocar a revolta nas praças, mas a de fazer a revolução nos espiritos. E se um dia este povo, ludibriado e reduzido á fome por tres gerações de intrigantes politicos, se este povo a quem se estão roubando cynicamente as mais fundamentaes liberdades, tiver a coragem de emancipar-se, mudando de instituições e procurando refazer o seu credito, exercer os seus direitos, preparar o seu futuro, Theophilo Braga desempenhará

dentro da nova ordem de coisas o papel que Benjamin Constant, positivista, professor e homem de lettras como elle, desempenhou nas primeiras horas da Republica Brazileira: elle será o inspirador das mais vastas reformas e o instituidor dos mais fecundos trabalhos.

Porto, Novembro de 93.

JULIO DE MATTOS.

POLITICA SEM POLITICA

No Brazil o conflicto aggravou-se, e tambem augmentou a gravidade da questão hispano-marroquina!

No entretanto, aos nossos governantes parece-lhe tudo isso indifferente. Não persentem, nem as consequencias economicas da questão brazileira, nem as de ordem essencialmente politica, que se podem derivar da visinhança hespanhola.

Assim, quando conviria não levantar internamente motivo de dissentimento, o governo, sem razão, e sem vantagem até, inventa questões, como a da dissolução, na qual está inutilisando o resto das forças que conserva, e que tão indispensaveis eram para tratar das cousas pacificas da administração.

No Brazil é Custodio que bombardeia a capital; em Hespanha são os riffenos kabilas que assaltam a praça de Melilla!

A' paz de Portugal quem dá o assalto são os riffenos regeneradores, commandados pelo almirante, aliás suisso, Custodio Hintze.

Que Floriano se defenda! **Impoliticus.**

CHRONICA ELEGANTE

As festas da sociedade elegante foram inauguradas no dia 18 por um jantar seguido de um animado *raout* no palacio da legação da Russia.

Madame Chévitch, que fez as honras da casa com a gentileza que a caracterisa, tinha á sua mesa os seguintes convivas:

Sr.as Marqueza Oldoini, Marqueza Spinola, D. Maria Penafiel, D. Virginia de Carvalho, D. Maria Luiza de Sá Pereira, D. Laura Spinola, D. Emilia de Carvalho; e os srs. Comte Chroniel e secretario da legação de Inglaterra.

O *menu* do jantar era o seguinte:

Potage Crême de volaille à la Chevreuse
Tartelettes suisses au Parmesan
Turbot sauce crevettes
Filet de bœuf au Madère
Epigramme de lièvre en poivrade
Cailles et mauviettes en Belle-Vue
Dindonneaux truffés
Salade à la Russe
Petits pois à la Paysanne
Bombe à la Printanière
Dessert

No dia 20, jantar no palacio da legação de Italia, a que assistiram Madame Chevitch, Madame Mac'Donel, Madame Blondel, Mademoiselle Vera Chevitch; e os srs. Chevitch, ministro da Russia, Mac'Donel, ministro de Inglaterra, Blondel, secretario de França, Balthazar Freire Cabral e Salvador d'Asseca.

A sr.a Marqueza Spinola, auxiliada por sua interessante filha, recebeu os seus convidados com a mais encantadora affabilidade.

FOLHETIM

A ABOBADA

I

«Oh lá, mestre Affonso Domingues, bem aproveitaes o soalheiro! Não vos quero eu mal por isso; que um bom sol de inverno vale, na idade grave, mais que todos os remedios de longa vida que em seus alforges trazem por ahi os physicos.»

Dizendo e fazendo, o reverendo desceu os degraus do portal e encaminhou-se para o cégo.

«Quem é que me fala?» — perguntou este, alçando a cabeça.

«Frei Lourenço Lampreia, vosso amigo e servidor, honrado mestre Affonso. Tão esquecida anda já minha voz em vossas orelhas, que me não conheceis pela toada?»

«Perdoae-me, mui devoto padre prior—atalhou o velho, tenteando com os pés o chão para erguer-se, no momento em que Frei Lourenço Lampreia chegava junto d'elle, seguido do seu confrade Frei Joanne, procurador do mosteiro: — perdoae-me! Foi-se o vêr, vae-se o ouvir. Em distancia, já não acerto a distinguir as falas.»

«Estae quedo; estae quedo, mestre Affonso—disse Frei Lourenço, segurando o cégo pelo braço. — O indigno prior do mosteiro da Victoria não consentirá que o mui sabedor architecto e imaginador Affonso Domingues, o creador da oitava maravilha do mundo, o que traçou este edificio, doado pelo virtuoso de grandes virtudes rei D. João á nossa ordem, se alevante para estar em pé diante do pobre frade...»

«Mas esse religioso — interrompeu o cégo — é o mais abalisado theologo de Portugal, o amigo do mui excellente doutor João das Regras e do grande Nunalvares, e privado e confessor d'el-rei: Affonso Domingues é apenas uma sombra de homem, um troço de capitel partido e abandonado no pó das encruzilhadas, um velho tonto, de quem já ninguem faz caso. Se vossa caridade e humildosa condição vos movem a doer-vos de mim e a lembrar-vos de que fui vivo, não achareis n'isso muitos de vossa igualha.»

«De merencorio humor estaes hoje — disse o prior, sorrindo. — Não só eu vos amo e venero: el-rei me fala sempre de vós em suas cartas. Não sois cavalleiro de sua casa? E a avultada tença que vos concedeu em paga da obra que traçastes e dirigistes, emquanto Deus vos concédeu vista, não prova que não foi ingrato?»

«Cavalleiro!?—bradou o velho.—Com sangue comprei essa honra! Commigo trago a escriptura. — Aqui mestre Affonso, puxando com a mão tremula as atacas do gibão, abriu-o e mostrou duas largas cicatrizes no peito. — Em Aljubarrota foi escripto o documento á ponta de lança por mão castelhana: a essa mão devo meu foro, que não ao Mestre d'Aviz. Já lá vão quinze annos! Então ainda estes olhos viam claro, e ainda para este braço a acha d'armas era brinco. El-rei não foi ingrato, dizeis vós, veneravel prior, porque me concedeu uma tença! ? — Que a guarde em seu thesouro; porque ainda ás portas dos mosteiros e dos castellos dos nobres se reparte pão por cégos e por aleijados.»

Proferindo estas palavras, o velho não pôde continuar: a voz ti-

O *menu* do jantar era o seguinte:

Potage à la reine Hortense
Ombre sauce ravigote
Filet de bœuf à la Godard
Dindonneau soufflé à l'écarlate
Croute de lièvre à la gelée
Bécasses rôties
Salade macédoine
Artichauts farcis à la Bordelaise
Pudding Jockey Club
Mousse de crème à la Florentine

*
* *

Na quinta-feira, a sociedade elegante deu *rendez-vous* na sala da livraria Gomes, onde Raphael Bordallo Pinheiro fez exposição da famosa talha manuelina adquirida por El-Rei e das figuras de uma das capellas do Bussaco.

A exposição foi inaugurada por Sua Magestade, e todos os visitantes entre os quaes se via tudo o que ha de mais distincto na aristocracia, na diplomacia, nas artes e nas lettras, ficaram verdadeiramente surprehendidos com os trabalhos do insigne artista.

Os primorosos lavores da talha, a attitude e a expressão das figuras, entre as quaes se destaca a do Christo, cuja cabeça é uma maravilha de inspiração e de execução, revellam mais uma vez o prodigioso talento de Bordallo Pinheiro.

É pena que aquellas figuras não possam estar em permanente exposição na capital, e tenham de ser transportadas em breve para o santuario do Bussaco, onde ficarão para sempre, por entre cedros seculares, a representar o drama do Calvario e a inspirar a religiosa piedade dos romeiros.

GRAZIEL.

PELA PATRIA

Andei por terras de Hespanha,
Que gosam fama tamanha
De fadas as mais formosas,
De lindissimas morenas,
Gracis e guapas pequenas,
Das mulheres mais garbosas.

Volitavam nos passeios
À vontade, sem enleios,
Com o classico *salero;*
Os olhos desafiando
A quanto iam passando
Do povo, nobreza e clero.

Nos labios tinham delicias,
Seu andar tinha malicias,
No todo sal e pimenta;
Espevitavam desejos,
Supplicando em febre os beijos
D'uma paixão violenta.

Sem duvida, eram mulheres
Como tu, ó gula, as queres
No teu lubrico festim
D'antigas eras romanas
Ou do tempo dos Maranas,
Que jámais hão de ter fim.

Alfenins apaixonados
Iam de todos os lados,
Como n'aquella comedia
Em que se encontram uns poucos
Ludibriados; e loucos
A transformam em tragedia!

Que palavras que ellas tinham!
Parecia que lhes vinham
Do fundo do coração!

nha-lhe ficado presa na garganta, e dos olhos embaciados cahiam-lhe pelas faces encovadas duas lagrimas como punhos. A Frei Lourenço tambem se arrasaram os olhos d'agua. Frei Joanne, esse olhou fito para o cégo durante algum tempo, com o olhar vago de quem não o comprehendia. Depois, a idéa da tardança d'el-rei e da tardança do auto, que, entrando pelas horas de ceiar e dormir, iria fazer uma brecha horrorosa na disciplina monastica, veio despertal-o como espinho pungente. Começou a bufar e a bater o pé semelhante ao corredor brioso do livro de Job e da Eneida. Entretanto, o architecto havia-se posto em pé: um pensamento profundamente doloroso parecia reverberar-lhe pela fronte nobre e turbada, e houve um momento de silencio. Por fim, segurando com força a manga do habito de Frei Lourenço, disse-lhe:

«Sois letrado, reverendo padre: deveis ter visto algum traslado da Divina Comedia do florentino Dante.»

«Li já, e mais de uma vez — respondeu o prior. — É obra prima, d'aquellas a que os gregos chamavam *epos,* id est, *enarratio et actio,* segundo Aristoteles; e se não houvesse n'essa escriptura algumas ousadias contra o papa...»

«Pois sabei, reverendo padre — proseguiu o architecto, atalhando ô impeto erudito do prior, — que este mosteiro que se ergue diante de nós era a minha Divina Comedia, o cantico da minha alma: concebi-o eu; viveu commigo largos annos, em sonhos e em vigilia: cada columna, cada mainel, cada fresta, cada arco era uma pagina de canção immensa; mas canção que cumpria se escrevesse em marmore, porque só o marmore era digno d'ella. Os milhares de lavores que tracei em meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguei arrancaram me das mãos o livro, e nas paginas em branco mandaram escrever um estrangeiro! Loucos! Se os olhos corporaes estavam mortos, não o estavam os do espirito. O extranho a quem deram meu cargo não me entendia, e ainda hoje estes dedos descobriram n'essa pedra que o meu alento não a bafejara. Que direito tinha o Mestre d'Aviz para sulcar com um golpe do seu montante a face de um archanjo que eu creara? Que direito tinha para me espremer o coração debaixo dos seus sapatos de ferro? Dava lh'o o ouro que tem dispendido? O ouro!... Não! O Mestre d'Aviz sabe que o ouro é vil; só é nobre e puro o genio do homem. Enganaram-n'o: vassallos houve em Portugal que enganaram seu rei! Este edificio era meu, porque o gerei; porque o alimentei com a substancia da minha alma; porque necessitava de me converter todo n'estas pedras, pouco a pouco, e de deixar, morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas columnas e por baixo d'essas arcarias. E roubaram-me o filho da minha imaginação, dando-me uma tença!... Com uma tença paga-se a gloria e a immortalidade? Agradeço-vos, senhor rei, a mercê!... Sois em verdade generoso... mas o nome de mestre Ouguet enredar-se-ha no meu ou, talvez, sumirá este no brilho de sua fama mentida...»

O cégo tremia de todos os membros: a vehemencia com que falara exhaurira-lhe as forças: os joelhos vergaram-lhe, e assentou-se outra vez em cima do fuste. Os dois frades estavam em pé diante d'elle.

«Estaes mui perturbado pela paixão, mestre Affonso — disse Frei Lourenço, depois de larga pausa — por isso menoscabaes mestre Ouguet, que era, talvez, o unico homem que ahi havia capaz de vos substituir. Quanto a vós, pensaram os do conselho d'el rei que deviam pro-

E os olhos, como queimavam!
De certo mais lume davam
Que a cratera d'um vulcão!

Com o leque, ellas faziam
Taes cousas, que entonteciam
Como um vinho capitoso,
Que as forças enerva e dobra,
Até que o corpo sossobra
N'um estado comatoso.

Eu tudo isto conhecia,
Mas o coração dizia:
Nada ha como a *morbidezza*
A licorosa doçura
Que nos chora de ventura
Nos olhos da portugueza!

Não tem requebros, denguices,
Mas tem carinhos, meiguices;
Não vive de convenções
Que illudem, fingindo amores
Com sorrisos impostores,
Enganando os corações.

Ella só, ella sómente
Falla menos do que sente,
E sentindo, vai soffrendo
Com os olhos sempre enxutos,
Encobrindo a dôr, os lutos,
As suas dôres contendo!

O branco mate das faces
Por onde passam fugaces
Vislumbres das ironias,
Dá-lhe feições de Madona,
Que prende, enlaça, apaixona,
Como nos contam poesias!

Quando ella, sorrindo, falla,
Parece que nos emballa;
É mesmo um canto suave
De celestes harmonias,
Quando são ave-marias
Nas solidões d'uma nave!

A Fornarina devia
Ter na voz a melodia
Que ella tem, como um trinado
Dolentemente profundo,
Que penetra até ao fundo
O coração delicado.

Anda... como anda a gazella,
E pasma a gente de vêl-a
N'aquella suavidade
Do seu andar miudinho,
Que vai fazendo caminho
Em dôce tranquillidade!

Não ha rosto mais setineo;
A minha musa define-o
Leve tecido de rosas
Pelos anjos preparado,
Sendo por fim polvilhado
Com pólen das mariposas!

Por isso, qual hespanholas
De mantilhas, castanholas,
Em um constante toureio!
Que não ha na redondeza
Mulher como a portugueza
Penso, sinto, juro e creio!

SERGIO DE CASTRO.

pôr-lhe vos désse repouso e honrado sustentamento para os cansados dias. Ninguem teve em mente offender o mais sabedor e esperto architecto de Portugal, cuja memoria será eterna e nunca offuscada.»

«Obrigado—atalhou o velho—aos conselheiros d'el-rei pelos bons desejos que em meu prol têm. São politicos, almas de lodo, que não comprehendem senão proveitos materiaes. Dão-me o repouso do corpo e assassinam-me o da alma! Ácerca de mestre Ouguet, não serei eu quem negue suas boas manhas e sciencia de edificar: mas que ponha elle por obra suas traças, e deixem-me a mim dar vulto ás minhas. E demais: para entender o pensamento do mosteiro de Sancta Maria da Victoria, cumpre ser portuguez; cumpre ter vivido com a revolução que poz no throno o Mestre d'Aviz; ter tumultuado com o povo defronte dos paços da adultera; ter pelejado nos muros de Lisboa; ter vencido em Aljubarrota. Não é este edificio obra de reis, ainda que por um rei me fosse encommendado seu desenho e edificação; mas nacional, mas popular, mas da gente portugueza, que disse: *não seremos servos do estrangeiro* e que provou seu dicto. Mestre Ouguet, escholar na sociedade dos irmãos obreiros, trabalhou nas sés de Inglaterra, de França, e de Allemanha, e ahi subiu ao grau de mestre; mas a sua alma não é aquecida á luz do amor da patria; nem, que o fosse, é para elle patria esta terra portugueza. Por engenho e mãos de portuguezes devia ser concebido e executado, até seu final remate, o monumento da gloria dos nossos; e eis-ahi que elle chamou de longes terras officiaes extranhos, e os naturaes lá foram mandados adornar de primorosos lavores a igreja de Guimarães. Sei que não seriam nem elles nem eu quem puzesse esse remate; mas nós deixariamos successores que conservassem puras as tradições da arte. Perder-se-ha tudo; e, porventura, tempo virá em que, n'esta obra dos seculos, não haja mãos vigorosas que prosigam os lavores que mãos cansadas não poderam levar a cabo. Então o livro de pedra, o meu cantico de victoria, ficará truncado. Mas Affonso Domingues tem uma pensão d'el-rei...»

Em uma das casas que ficavam mais proximas, d'aquellas de que fizemos menção no principio d'este capitulo, ergueu-se a adufa de uma janella no momento em que o cégo proferia as ultimas palavras, e uma velha, em cuja cabeça alvejava uma toalha mui branca, gritou da janella:

«Mestre Affonso, quereis recolher-vos? Está prompta a ceia, e começa a cahir a orvalhada, que a tarde vae nevoenta»

«Vamos lá, vamos lá, Anna Margarida; vinde guiar-me.»

E Anna Margarida, ama de mestre Affonso Domingues, sahiu da porta com a roca ainda na cinta, e o fuso espetado entre o linho e o ourelo que o apertava. Chegando ao pé do velho, tocou-lhe com o braço em que elle se firmou, tornando a erguer-se.

«Boas tardes, padre prior» — disse a ama, fazendo sua mesura, seguida de um lamber de dedos e de dois puxões nas barbas da estriga quasi fiada.

«Vá na graça do Senhor, filha» — respondeu Frei Lourenço, e accrescentou, dirigindo-se ao cégo:

«Meu irmão, Deus acceita só ao homem, em desconto da grande divida, a dôr calada e soffrida. Resignae-vos na sua divina vontade.»

«Na d'elle estou eu resignado ha muito: na dos homens é que nunca me resignarei.»

ALEXANDRE HERCULANO.

(Continúa)

Anniversarios da semana

Domingo 26 — As sr.as: Baroneza de Santa Cruz, D. Guiomar Torrezão D. Maria Sieuve de Menezes, D. Palmira Martins Pinto de Magalhães, D. Ernestina Candida de Espregueira, D. Laura O'Neill Kebe d'Azevedo, D. Helena de Menezes.

E os srs.: Francisco de Paula Raposo de Andrade e Sousa Alte Espargosa (Andaluz), Luiz Gonzaga Hortega, Alberto Pedro da Silva Carvalho.

Segunda-feira 27 — As sr.as: D. Maria Eugenia Alves da Silva Nobre de Carvalho, D. Leonor do Carmo e Oliveira, D. Alice Carolina Monteverde, D. Laura O'Neill d'Azevedo.

E os srs.: D. Alexandre de Lencastre (Alcaçovas), Antonio Augusto Rodrigues de Miranda (Berthelinho), Commendador José Maria da Guerra.

Terça-feira 28 — As sr.as: Duqueza de Parma (D. Maria Antonia de Bragança de Bourbon), Viscondessa de Balsemão (D. Henriqueta), D. Maria da Madre de Deus e Almeida Napoles (Almeida), D. Maria Adelaide da Cunha e Mello (Almeidinha), D. Maria Joaquina Silveira da Motta Oliveira Pires, D. Marianna Saldanha da Gama, D. Capitolina de Lencastre, D. Maria Luiza d'Avellar, D. Anna José de Paula da Rocha Vianna.

E os srs.: Eduardo Carlos Owen (Torre do Pero Palha), Manuel Maria Bordallo Pinheiro, Paulo Plantier Martins, Bernardo Montenegro, José Joaquim Pereira Amado.

Quarta-feira 29 — As sr.as: D. Maria Ritta de Andrade Carvajal (Camaride), D. Maria Augusta Falcão de Mendonça Caldeira (Almendro), D. Francisca Candida Travassos Valdez (Bomfim), D. Cecilia Burnay.

E os srs.: D. José Maria de Mendóça (Azambuja), Carlos Augusto de Sousa Azevedo (Algés), Marcos Joaquim dos Santos de Saldanha Oliveira Daun e Sousa, José Maria de Mendonça Robin Moreira Barreto, Luiz Carlos Van-Zeller, Eduardo Carlos Van-Zeller, Antonio Coutinho Castello.

Quinta-feira 30 — As sr.as: Baroneza de Fornellos, D. Thereza da Camara (Carvalhal), D. Maria José Zarco da Camara (Ribeira Grande), D. Maria Adelaide Cardoso da Costa, D. Maria Luiza de Sousa Pizarro (Bobeda), D. Marianna José Bacellar de Sousa Azevedo (Algés), D. Maria Amelia Martens Ferrão, D. Maria José Pimenta Avellar Machado, D. Elisa Adelaide Laboreiro de Sousa Mendes.

E os srs.: Conde da Lapa, Conde das Antas, Conselheiro José Dias Ferreira, Luiz Falcão Cotta Calheiros e Menezes (Azevedo), Dr. Jacintho Candido da Silva, Antonio Pedro de Barros Lima.

Sexta-feira 1 — As sr.as: Viscondessa de Ouguella, D. Ida Guilhermina de Moura (Bomfim), D. Maria Benedicta Cabral Mesquita (Lages), D. Anna Augusta Ribeiro de Figueiredo, D. Francisca Amelia da Silva.

E os srs.: Visconde de Condeixa, Conselheiro Augusto de Freitas e Oliveira, João Xavier de Passos Manuel Canavarro (Arcassó).

Sabbado 2 — As sr.as: D. Regina Carolina da Camara Guerra Alcobia, D. Ernestina Leite Coelho.

E os srs.: Visconde de Seabra, Antonio Teixeira Rebello (Prime), Dr. Eduardo Dally Alves de Sá, Antonio Mendonça d'Almeida.

EPHEMERIDES SEMANAES

20 — Começa no Porto, mas é logo addiado, o julgamento de Urbino de Freitas.

22 — Recomeça o julgamento de Urbino de Freitas, proseguindo d'esta vez seus termos, a despeito de todos os embaraços postos pela defeza.

23 — Reune o conselho de Estado, determinando a convocação da camara alta para o dia 29 do corrente, a fim de julgar os dignos pares srs. marquez d'Alvito, conde da Folgosa, visconde de Bouça e Mendonça Cortez.

— Inaugura-se na livraria Gomes, com a assistencia de El-Rei, a exposição de faianças das Caldas da Rainha.

25 — Primeira representação da comedia de Moura Cabral, a *Kermesse*, em D. Maria II.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

D. Maria

Representou-se hontem pela primeira vez a comedia original do sr. Carlos de Moura Cabral, intitulada a *Kermesse*.

E' esta a primeira peça original, que a empreza põe em scena na presente epocha.

No nosso proximo numero falaremos do valôr da comedia e do seu desempenho.

Devem começar por estes dias os ensaios do *Casamento de Olympia*, comedia de Augier, e que é tradusida pelos srs. D. João da Camara e Gervasio Lobato para estreia da distincta actriz Lucinda Simões.

O *Casamento de Olympia* é uma das melhores peças de Augier, e que deve certamente merecer ao nosso publico o acolhimento que mereceu ás plateias de Paris, quando ali foi representada.

Trindade

O *Duetto da Africana* foi acolhido com enthusiasmo pelos frequentadores d'este theatro, os quaes, pelo visto, ainda se não cansaram de vêr e de applaudir o *Brasileiro Pancracio*.

Colyseu dos Recreios

A companhia, que se inculcou para representar operas buffas, mostrou no desempenho da *Lucia de Lamermoor* que os seus artistas estão mais aptos para este genero de musica. Ninguem esperava que a parte de *Lucia* tivesse o desempenho que teve. Sobretudo no *rondó*, que é um dos trechos mais delicados e mais difficeis da partitura, a gentil cantora que se encarregou do papel, revellou qualidades que não pôde manifestar no desempenho de outros trabalhos. A sua voz é sympathica e mantem-se na emissão com firmeza e limpidez. É possivel que os criticos mais exigentes ainda notem, áquem e alem, alguma defficiencia; mas, no conjuncto, a cantora conseguiu agradar e mais do que agradar, enthusiasmar o publico, que lhe fez uma calorosa ovação, chamando-a no final do acto repetidas vezes ao proscenio.

O barytono e o baixo são dois artistas de merito, e que foram applaudidos.

O mesmo acolhimento não merece o tenor, a quem falta sentimento e expressão.

Apesar, porém, d'esta falta, a opera ouve-se com interesse, e com tantos mais applausos quanto é certo que a companhia se apresenta sem reclames.

Parece que em breve teremos n'este Colyseu uma companhia de opera comica franceza, da qual fazem parte algumas mulheres formosissimas a dar credito ás photographias.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1